

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte OESP (Viagem)

Data 3/7/2001 p8/v2

Class. 53

ESPAÇO ABERTO
MARCELO SZPILMAN

Todo o poder à mãe natureza

Quando o tema em questão aborda a relação entre a natureza (e sua conservação) e o homem (e sua utilização), não há mais espaço para o romantismo – o ultrapassado conceito de preservação ambiental sem a presença humana há muito foi descartado. A noção contemporânea de preservação pode ser melhor compreendida quando enfocarmos duas principais idéias.

O turismo ecológico nos parques, reservas e demais áreas de preservação, representado pela presença constante de visitantes, é hoje uma das mais efetivas formas de inibição, fiscalização e controle de atividades predatórias clandestinas, como a caça, pesca ou desmatamento ilegais. Qualquer “refúgio da vida silvestre” que dependa exclusivamente da fiscalização oficial corre um risco muito maior de violação de seus recursos naturais.

O desenvolvimento sustentável tem seu foco na disponibilidade dos recursos e na sua renovação permanente. Nele, a economia, em função das necessidades de consumo e lazer, está preocupada com o ambiente para que os recursos naturais não sejam esgotados, buscando soluções para lucrar com a preservação e a sustentabilidade.

Na verdade, qualquer atividade econômica baseada fundamentalmente na natureza e em seus recursos só sobreviverá ao criar um círculo positivo de preservação. Em outras palavras, significa dizer que se é importante para o negócio ter um ecossistema bem conservado, as pessoas e empresas que operam essa atividade e seus clientes serão os melhores fiscais da natureza. Todos tenderão a valorizar a conscientização ecológica e passarão a ter e a exigir consciência sobre a importância da preservação da natureza.

Nos Estados Unidos, a pesca, a caça e outras atividades de lazer relacionadas à vida selvagem movimentam mais de US\$ 100 bilhões por ano, garantindo milha-



res de empregos e (re)investimentos maciços na preservação do meio ambiente. No Brasil, guardadas as devidas proporções, o turismo de pesca esportiva, seja ela litorânea ou de interior, incluindo aí os famosos peque e pague, já representa um importante setor da economia produtiva, fonte de novos empregos, renda, impostos e benefícios sociais.

Ainda assim, alguém sempre poderá perguntar: pescar não é antiecológico? Eu discordo totalmente, pois não

há nada mais natural do que pescar para o próprio consumo, de forma consciente, é claro. Ironicamente, aqueles que acham que pescar é antiecológico não deixam de comprar o peixe ou de comê-lo no restaurante, sem dar-se conta de que esses peixes são usualmente capturados pela pesca comercial nas condições em que podemos denominar “pesca predatória”.

O turismo de pesca tem todas as condições de crescer e de fortalecer-se como atividade econômica sustentável. No entanto, para que isso ocorra de forma plena não podemos nos esquecer de duas importantes condições. Primeiro, as áreas e reservas protegidas devem existir e devem ser respeitadas. Segundo, o manejo e o controle das áreas permitidas para a pesca têm de ser postos em prática com rigor. É muito importante ter regras claras e limitações rígidas quanto ao número máximo e peso mínimo para a captura dos peixes.

É perfeitamente possível restabelecer uma relação harmoniosa entre o homem e a natureza. Todos nós sentimos enorme prazer ao visitarmos uma área preservada e cheia de vida. Mantê-la nessas condições passa a ser uma simples questão de comportamento ético e moral.

■ Marcelo Szpilman é biólogo marinho, diretor-gerente do Instituto Ecológico Aqualung e membro da Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos

Turismo ecológico só sobreviverá com círculo positivo de preservação